



NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - Agência em Lisboa - P. dos Restauradores, 13-3.º-D. - Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Editorial

BALANÇO DE FIM DE ANO

Feitas as contas e pôsto em confronto o crédito com o débito, hemos de confessar que durante o ano que findou a imprensa cittadina trabalhou para o bispo, sem nenhuns resultados práticos, marcando uma temporada de trabalho improficuo, baldado e improgressivo.

A' mania de querer vender ao desbarato para melhor poder competir com o mercado, somos forçados a confessar que os saldos desapareceram na voragem, sem lucro municipal, em jeito de dádiva concedida por marçano a criada grácil e donairoza.

Cifras sobre cifras, o cômputo apresenta um deficit, levadas com as "fazendas" as ultimas esperanças e morto para sempre o tino commercialista.

Com a impertérrita ordem que mandou fechar os antigos Paços dos Duques de Bragança e ex-Quartel do Regimento de Infantaria n.º 20 - graças à política surda de um indivíduo que não soube esconder o ódio e o rancor e a quem todos os vimaraneses deveriam deixar de lhe estender a mão - uma funde machadada feriu o coração da Cidade e Concelho, prejudicando-os em tudo aquilo que se lhes deparava como Progresso futuro, moral e economicamente.

Machadada jogada com tão malévola intenção e criminosa voluntariedade, mais perfurante que contundente, um dia virá em que o tribunal da opinião pública saberá bem julgar o réu-confesso que não se esconde de afirmar que "não lhe interessa o povo nem a cidade", mas a quem vai sugando os réditos para disfarçar daquela ufania e nefelibatice que não tem, para orgulho de um saber que não possui e, finalmente, para esconder a vida vegetativa que vai levando.

A arqueologia-suzerana que, como tortulho, se agarrou ao tronco da árvore da nossa Tradição, merece que seja apontada como um dos cancros que mais vem prejudicando a Terra e a grei. Enlevada nas "chinezices" e "bonitos", tão felicissimamente classificados pelo Dr. Pedro Vitorino, desprezando os problemas palpantes e urgentes, enverga calção e usa perruca, para, em ária de personagem de folhetim, tomar o aspecto de fantecho, assinalando-se como verdadeira prebendada da "ciência acessível a todos os graus de intelligência", à maravilha sabendo maquinar a aldrabice e a trapaça.

Depois disto, consideram-se saldadas as contas, para não pedir o dilúvio.

António de Sêna

Um combatente, mais, vem em auxílio do monumento aos mortos da Grande Guerra da vetusta Guimarães. Seja benvindo! António de Sêna é o pseudónimo que cobre o nome dum official distincto, Cruz de Guerra a rebrilhar num peito valente e numa

alma cheia de candura e de devotada veneração pelos mortos, nossos irmãos. Não é vimaraneses; mal conhece a nossa terra; isso, porém, não obsta a que a sua elegância moral acudisse ao nosso apêlo, logo que lhe foi solicitado, enfileirando, com gallardia, na ala dos apóstolos do monumento, onde já figura o nome de seu irmão, combatente como êle, espelho da lealdade e inteireza em bem servir a Patria. São, assim, as almas dos verdadeiros combatentes: acodem, sempre, onde são chamadas.

O N. de G. apresenta ao seu illustre hóspede os seus melhores agradecimentos pela sua honrosa colaboração e orgulha-se de o ver ao lado de escritores militares de renome que, a êste jornal, têm prestado valioso auxilio em prol do monumento.

Pro-Monumento aos Mortos de Guimarães na Grande Guerra

VIMARANENSES: CUMPRI O VOSSO DEVER!

Seguindo o exemplo de muitas terras do país que já deram cumprimento a êsse necessário dever de gratidão, pretende, muito naturalmente, a cidade de Guimarães pagar também a sua parcela de reconhecimento à memória dos seus filhos mortos pela Patria nos campos de batalha da Grande Guerra, erguendo numa das artérias do seu velho burgo um monumento que recorde aos vindouros toda a sua glória e o seu sacrificio, tão épica e demonstradamente nos campos de batalha da Flandres e Africa, quota parte que lhe compete liquidar na incomensurável dívida que a Nação contrafa para aqueles que pelo seu nome verteram generosamente o seu sangue, batendo-se com brio e valor pelo seu prestigio e integridade.

Que falta, porém, para que possa cumprir-se essa tão desejada como justissima obra de devoção civica e patriótica?

Pelo que nos é dado saber sobre o assunto, quer-nos parecer que lhe falta aquilo que é mais essencial, ou seja que todos os vimaraneses, mas todos sem excepção, se compenentrem da obrigação que lhes cabe de dar a ideia em curso o apoio moral e material que lhe é absolutamente necessário, colaborando assim dignamente no esforço e na perseverança evidenciados por um núcleo de boas vontades que trabalha empenhadamente para que sejam ouvidos, como é mister, os seus frequentes apêlos dirigidos à sensibilidade e ao carinho de todos os filhos da terra para os quais esta dívida deve representar uma obrigação sagrada, a cumprir sem delongas prejudiciais.

E estamos certos que todos os vimaraneses, todos aqueles em cujo peito palpita um coração de verdadeiro português e que nutrem o mais entranhado afecto pelo seu torrão natal, desejando-o prestigiado e engrandecido, não podem, acreditamo-lo, ficar indiferentes aos justissimos apêlos dirigidos aos seus sentimentos de bairrismo e a sua fé patriótica.

Bem ponderadas as causas determinantes do imperdoável esquecimento a que tem sido votada a efectivação da merecida homenagem a prestar aos Saúdosos Heróis e Mártires vimaraneses, tombados abnegadamente na mais cruenta guerra que os annos da História registam, não se compreendem nem mesmo se justificam, a inércia e o comodismo que tem medrado em redor dêste civico intuito, que bem deve merecer de todos os naturais de Guimarães as suas sympathias e aplausos, quaisquer que sejam as ideologias professadas.

A vetusta e illustre cidade de Guimarães, a laboriosa e progressiva cidade minhota que foi berço de Afonso Henriques, o egrégio fundador da nacionalidade, que é detentora das mais brilhantes tradições históricas, tem o dever moral de não deixar cair na vala do ostracismo a nobre e digna cruzada que há três annos vem sendo lembrada com calor e sinceridade nas columnas dos seus periódicos, e está nisto empenhados o seu brio e a sua honra de terra onde até agora, felizmente, o patriotismo e a gratidão não escassearam.

Temos também conhecimento que a municipalidade vimaranesa, numa louvável e digna compreensão do seu papel de dar auxilio e incitamento às boas iniciativas, já se manifestou patrioticamente fazendo inscrever nos seus orçamentos a importante verba de trinta mil escudos para subsidiar a construção do Monumento o que já é, de facto, quasi que meio caminho percorrido.

Uma vez inscrito êste importante auxilio que há mais a fazer?

Penso eu que se as pessoas de mérito e prestigio de Guimarães, todas as suas dignas autoridades civis e militares, as suas colectividades locais, a sua imprensa, todos em geral, vierem a interessar-se com afincio pela breve realização d'essa obra de gratidão cittadina, decerto que bem depressa se chegará a um resultado consolador honrando-se assim a terra acima de tudo.

Não é de acreditar que os vimaraneses, gente sobejamente conhecida e apreciada pela sua lealdade e cavalheirismo, e que sempre, com gallardia e desinteresse, tem sabido corresponder a todos os justos apêlos em favor da sua terra, neguem o seu auxilio moral e material a uma iniciativa tão nobre e justa como é a de ser dignamente consagrada a venerada memória dos seus patricios mortos com honra ao serviço da Patria nos campos de batalha da Grande Guerra.

Não é possível isso.

Seria também injusto supôr que Guimarães, tanto neste captulo, como noutros mais, por um lapso que bem pode evitar-se, seja diminuída nos seus brios deixando-se ficar aquem de outras terras do país de mais reduzida importância e que, como dissemos já, trataram de cumprir a sua homenagem de respeito aos seus valiosos filhos caídos gloriôsamente na guerra.

Se há um dever a cumprir-se porque é que se não cumpre?

Vamos, povo vimaraneses.

Auxiliai, dando-lhe o apoio indispensável, a iniciativa de se erguer um Monumento na vossa cidade lembrando a memória dos seus soldados mortos na Grande Guerra.

Contribuireis não só para o brio e renome da vossa Terra como cumprireis também o dever de serdes gratos à memória dos vossos patricios que bem a souberam honrar, cumprindo abnegadamente o seu dever de cidadãos e de soldados.

Colômbra, 20-12-935.

ANTÓNIO DE SÊNA.

O Dia de Reis

"A Epifânia—o dia de Reis, na linguagem popular—é uma das festas do ciclo litúrgico mais queridas do nosso povo.

E vale a pena atentar no aspecto etnográfico do dia, que demonstra como o cristianismo enformou a vida popular e a perfumou de poéticas costumeiras.

Em algumas das grandes festas é uso, em quasi todas as províncias de Portugal, a gente moça organizar peditórios, menos pelo vício de esmolar, que pelas folganças a que o caso serve de pretexto. São os "fiéis de Deus" ou o "pão por Deus" no dia de Todos-os-Santos; as "janeiras" no dia de Ano Bom; e os "Reis" no dia 6 de Janeiro.

Este dia de Reis é o de pedincha mais persistente. Os bandos precatórios vão de casa em casa e param ante a entrada principal. Começa a solicitação por uma cantiga, ou loa, ou romance, cantado em côro, por via de regra sufficientemente dissonante. Este pormenor importa pouco, porém, porque não é precisamente o efeito orfeónico que se procura...

Dr. Leonardo Coimbra

A morte, intempestiva e traiçoeira, tombou para sempre o antigo director da Faculdade de Letras e professor do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto, Dr. Leonardo Coimbra, Antigo Ministro da Instrução, político e filósofo, defensor

CANTAREMOS?...

Os três reis do Oriente Foram a Jerusalém; Uma estrêla ia à frente Guiando-os para Belém.

E Herodes, muito irado, Disse que q'ria saber Onde seria encontrado O Rei que estava a nascer.

Mas os Magos, por embirra, Voltaram por outra via, Depois de ouro, incenso e mirra Dar ao Filho de Maria.

Vinham no trilho de Atâis, Da viagem já cansados, E ao chegar a Guimarães Ficaram horrorizados.

E das trevas receosos, Imersos na escuridão, Foram logo pressurosos Cantar os reis ao Jordão:

"Quem diremos nós que viva Na folhinha do serpão, Viva o nosso Município E mai-lo Senhor Jordão.

Viva a antiga candeia, Pois não q'remos a eléctrica, Esta luz não alumia, Está mesmo muito tetrica.

Também viva o engenheiro Do Castelo dos Almadas, Que com bastante dinheiro Fêz pocilga para... fadas.

Viva o nosso Regimento do Vinte de Infantaria, Que foi num dia de vento E de vir não chega o dia.

Viva também o Liceu Que nos custou a criar, E que até supinho eu Acabam por nos tirar.



... Quem diremos nós que viva ...

acérrimo do creacionismo, marcou mais pelo seu saber do que pela sua vida pública, levada ao sabor das suas paixões, abrindo lacuna no ramo de ciência que francamente abraçara.

Paz à sua alma!

Até nas barbas...

Na sexta-feira, à noite, no poente da Praça de D. Afonso Henriques e rua de Paio Galvão, a escuridão fêz-se sentir, sem descobrir a causa que originou êste principio de Trevas que se adensou sobre uma das principais artérias da cidade e sua "sala de visitas". A tempestade amainou, a

E também damos um viva A's Juntas de Freguesia, Que de forma nobre e altiva Falaram como se queria.

E que viva o Aguiar, Visto que o nosso teatro E' tão certo edificar, Como dois e dois ser quatro.

Viva também a Avenida Dos Combatentes da Guerra, Que depois de construída E' orgulho desta terra.

Que vivam os monumentos A erigir nesta terra, Ao só nosso Gil Vicente Eaos heróis da Grande Guerra.

E que viva o Terreiro Chamado de S. Francisco, Que com tão pouco dinheiro Ficava livre de cisco.

E que vivam sem viver, Vivinhas a rabiar, P'ra o Vinagreiro vender E o nosso Afonso cheirar.

Que viva o bairro operário Que já nos foi prometido, E se constrói quando o erário Estiver também... falido.



... Quem diremos nós que viva ...

chuva perdeu um pouco da sua intensidade, e, para bem dizer, até o sol já jogou o esconde-esconde, como criança tôla de seu folgado...

Que ter se-á passado? O acaso fundiria todas as lâmpadas daquelas supracitadas artérias?

Luz! Luz! Luz!

Evangelista da Silva Oliveira Enfermeiro Diplomado

Faz por preços módicos, e quasi grátis aos pobres, todos os tratamentos de enfermagem (curativos e injeções), tanto no seu Consultório na rua de S. Dâmaso, 41, 1.º andar, como em casa dos clientes. Serviço das 13 às 18 horas.

E mais viva a Companhia Se nos der outra Estação, — Ou que siga outra via Que nos fica o caminho.

E também fica a peçonha Da carroça do Correio, Que ajuda a pouca vergonha Desta terra sem asseio.

Viva também o Quartel — De Guimarães o espelho — Ideal muito fiel Do povo dêste concelho.

Na terra de Guimarães Também cantamos que viva Os gatinhos, mai-os cães E todos por 'i arriba.

Quem diremos nós que viva Na folhinha da giesta, Viva tôda a mais família E acabou-se a nossa festa...

E os Magos, cavalgando, Seguiram cheios de rópia, Pelas 'stradas, murmurando A caminho da Etiópia:

— «Esta terra cheira a unto, Aqui manda algum defunto.

— Esta terra é de bren, Aqui reina algum judeu...»

E quando viam as patas Das bêstas que cavalgavam, Se lembravam dos empatas Que Guimarães empatavam...

A estas horas, por certo, A Néguas contando estão Os horror's dêste deserto, Desta civilização.

CLAROS.

GAZETILHA

Esta terra minha amada, — Berço meu e não da grei, E que se vê desprezada Por razões que inda não sei: E' Mai por mim adorada, E' Mai do primeiro rei!

E, por isso, por amor A' terra onde nasci, Eu tenho imensa dor Quando vejo por aí Factos que causam horror, Como os que narro aqui:

«Ali, na rua das Hortas, Em pocilgas indecentes, Sem ar, sem luz e sem portas, Com as últimas enchentes Ficavam por pouco mortas Criaturas que são gentes.»

E o Bairro jámais vem?! Com pocilgas de suínos — Com êsses, cuidados têm... Mas com homens e meninos, Com pobres sem ter vintém, Que se importam estes... finos?

Ah, manganões! Ao vêr disto, Só me passa pela mente Que o azorrague de Cristo Caia bem nesta gente; Pois está mais do que visto Que é duma grei indecente.

CLAROS.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Animula vagula, blandula...

(13) (Continuação do n.º 138)

Foi então que a minha perdida alma dos dezóito anos, assim estreita e apaixonadamente presa e abraçada, em sede de além, ao corpo e alma de uma já ignorada mulher, surpreendeu, em noite de S. João, a espioná-la, entre os salgueiros do rio de mansas águas, como burlesco importuno, o atônito olhar carrancudo, e frio, da mesquinha sensatez, que trago a fazer-me e em serviço de alma.

Embrulhando-se mais, com junto a si o corpo dengoso da companheira, na capa negra de estudante, seus lábios crispavam-se de magnífico, potentíssimo ódio, em ira tremenda e admirável — e, logo, a viva labareda, em estalada coruscção, de vilcânica gargalhada, rubra no ar das fogueiras amarelidas, gritante no misticismo das trovas sensuais, em delírio furioso no lasso arrasto dos bailados, lampejou, jorrou e subverteu, domado e vencido, o orgulho de meu actual ser racionalista — cruel e justo castigo aos que impiedosamente profanam o sempre inviolável segredo da morte, ainda quando esta se dá a dentro de nossa vida.

Era aquela morta alma que vinha increpar-me, vivo, em claras vozes, nítidas, acéssas, retinintes, não da sua morte, que ficara erguida em vida no seplero da minha saúde, e na saúde, talvez, dos que ela conhecera e amara, mas dêsse morto viver meu, que lhe dera tração e desenganho, sendo êle desengano.

«Não sou teu filho, eu, para, como pai, me repreenderes, nem teu irmão, nem teu amigo, nem teu vizinho. Eu sou de ti o que tu foste e já não és — a mocidade e o sonho, a aspiração e a promessa. Trouxeste-me em ti — e enjeitaste-me. E com o enjeito, como se fosse parto de desonra, ainda me desmentiste. Homem prudente e sábio, acutias-me, porventura, as levandades namorosas, sacras liturgias do amor supremo, de servirem — o interesse da existenciuzinha paçota. Sacrificaste, em mim, a tua vida, expulsando-me da casa do teu coração, para gozares a vida — mentira, ignomínia e negação da vida, igual, monótona, lenta, trabalho e nutrição, reles e dolorosa, nome que passa, uma fachada — *terrestris domus*. Eu era em ti — e tu abandonas-me, trais-me, deixas perder-me na sombra do passado. Cobarde!

Ouço do que a prepotência de tua veneranda madurez se propõe superiormente acusar-me: ingénuo? — minha ingenuidade era confiança nos homens e no futuro (¿ Acreditas tu, ainda, ou agora, nos homens e no futuro?); cândido? — porque me desalterava de amor no amor que vai do coração aos sentidos e dos sentidos ao coração (¿ Na verdade consumaste o amor como sacramento?); inexperiente? — essa, a arma da Fé, da Esperança, a arma da Caridade, a invencível armadura com que se arrostam e vencem os duros combates das renovações criadoras (¿ E não é a lição da tua experiência sempre amolgada no rebôlo dos dias?).

Quando meus olhos — olhos de moço — se molhavam de lágrimas e denunciavam as insónias e vigílias da inquietação e a virginal delicadeza dos sentimentos puros, tu rias, ris e dizes como os velhos — «Criança! Isso não é sofrer. Mais tarde, ó mais tarde, saberás o que é sofrer.» — E eu sofria imenso, porque sofria no infinito das minhas esperanças, mal as ameaçavam ou eu mesmo, indeciso, as julgava estéreis e enganadoras, e no azul muito límpido da minha crença. Tirante feroz, ignorante ou esquecido, quem se ri das lágrimas que brotam da mocidade, espontâneas como a água das fontes, cristalina e florida.

Eu, fui eu — que te servi e formei com o meu trabalho. A mocidade é o escravo do homem, que, por essa mocidade, se faz homem. Servo diligente e fiel. Trabalhei, estudei, penei — para que tu fosses eu mesmo, eu sempre, no futuro. E tu, afinal, és o homem que me renega; mais: és precisamente o homem em que andei, tantos anos, a pensar, a estudar, a trabalhar para que não fosses. «Os deveres, a sociedade, a vida» — dizes tu: mas eu adivinhara, conhecia, sabia o que é o mundo. Pois se já vivia dentro d'êle! E via-o com os olhos espertos de curiosidade, com ânimo atento de conhecimento. O que o via, era de cima ou por fora, como panorama, e não como tu, hoje, que o tens tão colado aos olhos, que nem o enxergas. Tocava-o à minha volta. Na alegria duns e na tristeza doutros. Era êle que me falava na letra dos compendios e pela boca dos professores. Via-o passar na rua e dentro de casa. Até mesmo dentro de nossa casa — olha se te lembras. Já te separava de teu pai a distância de incompreensão que me separa, agora, de ti. A distância das ideias com os anos. Alguma coisa de outro, diferente, de novo...

Manhã cedo despertava-me o relógio: são horas, vamos para as aulas. Pálido, olhos encovados, ao frio, à chuva — e, às vezes, as botas rotas, a capa a escorrer. O dinheiro das meias-solas gastara-se em comprar livros. Nesse tempo, tu, em mim, só tinhas essa fome, só tinhas essa sede — saber, ler, estudar mais e para além do que pretendiam ensinar-te. ¿Pois não era assim? E aquêle deserto imensamente frio, implacavelmente solene das aulas! A alma gelava. Vinham os nomes, as teorias, os sistemas... Muito dizer para se não dizer o que nós queríamos ouvir. A soledade era tamanha que nos abafava como cousas inertes — e assim automaticamente se praticavam os actos — a soledade nostálgica e saudosa. Mas, bem agasalhado no coração, escondido, latente, ria o sol, ardia o sol. Ria o sol, ardia o sol — da Esperança!

EDUARDO D'ALMEIDA.

Esquema Semanal

NOVO ANO

Há precisamente um ano que puxando do nosso saber nigromântico, lemos na palma da mão como se fosse em livro aberto, correndo o tleclado da hora mundana, naquele à vontade com que dedilhamos o cavauinho do Ti-Zê da Prês, focando todos os grandes acontecimentos políticos e prevendo a Paz para os *mata-mouros* da Guerra do Chaco. Dissemos da nossa opinião àcerca da S. D. N. e da gravidade que adviria para um país transgressor do Pacto, quando sanções lhe fôssem aplicadas, sem desconfiar contudo da situação deveras crítica em que se encontraria a Itália.

Confessámos a nossa certeza perante o *auxílio* que o Japão prestaria à China, das sucessivas quedas dos governos espanhóis e afugentámos para longe a ideia de uma revolução no Brazil, tamanha fé tínhamos no «congeladíssimo» ministério do sr. Gétulio Vargas.

Prevíamos a morte de eminentes homens públicos, como o General Vicente Gomez, da Venezuela, de músicos insígnies e da nomeada de Alban Berg, e romancistas como Paulo Bourget...

Víamos o chôro do sr. Gil Robles, a queda do sr. Hoare e a vitória do sr. Laval. Hoje, decorridos os dias concedidos pela folhinha, vamos vaticinar mais algumas profecias,

para sossêgo das gentes e da grei.

— A Itália submeter-se-á ao quero, posso e mando da S. D. N., fazendo a paz com os abexins.

O Japão *bifará* mais um pedaço de terreno à China, pretextando auxiliar a autonomia dos povos do Norte.

O sr. Gil Robles verá cada vez mais longe as cadeiras do poder.

O sr. Lerroux terá de ir descansar para um país estrangeiro a fim de dar maior número de pulsações ao seu coração combalido.

O ras Kassa procurará dar caça ao ras Gucha, considerando como indesejável.

O ministério brasileiro reconhecerá a situação deveras crítica dos filhos da pátria-irmã, ordenando a fusão do *congelados*.

Por cá, tudo como dantes, além de um novo livro de Aquilino, de revistas de ano pela Parceria e uma nova peça de Ramada Curto ou de Mendonça Alves.

Os aviadores que empreenderam o cruzeiro às Colónias, regressarão triunfantes aos pátrios-lares.

Em Guimarães, continuaremos a disfrutar das delicias do Castelo dos Almadas e da Torre da Alfândega, do estrepito da cavalgada que puxa à carroça do correio, da falta de água para o verão e das boas palavrinhas de quem sabe falar. Registo de nascimentos a mais e papéis com obreia a comunicar os óbitos, matança

de porcos ao ar livre e permanente transgressão do «Código de Posturas» por parte daquelles que se julgam em terreno conquistado, embelezando as frontarias dos prédios com as *cuecas* da grei à janela.

Per omnia seculum, seculorum...

LÊFECÊ.

Pró - Monumento

aos Mortos da Grande Guerra

A Brigada do Minho e a alta recompensa concedida ao seu 4.º Batalhão -- Infantaria n.º 20

Ao meu querido camarada e amigo, capitão Jerónimo Pinto Montenegro Carneiro, valeroso comandante do Batalhão do 20, na Batalha do Lys.

A *ação da Brigada do Minho*, como do seu 4.º batalhão — *Infantaria n.º 20* — está, mais ou menos, relatada nas colunas do «Notícias», dos últimos três anos, desde quando — pouco mais, pouco menos — data esta campanha, que tem por fim o engrandecimento moral de Guimarães, sintetizado na glorificação dos mártires, seus filhos, que morreram na Grande Guerra e no desejo ardente de que essa dívida de gratidão, por saldar há dezassete anos, se efectivasse o mais breve possível. O esfôço em prol do monumento tem sido grande e quasi permanente parecendo, à primeira vista, que o assunto está esgotado. Pois, não é bem assim. A respeito do bravo batalhão de infantaria n.º 20, apesar do que está dito, muito há, ainda, a divulgar. Muitos vimaranenses e dos mais cultos, até, ignoram, talvez, o alto galardão conferido ao batalhão do nosso 20, que foi o 4.º da gloriosa *Brigada do Minho* e fêz parte da 1.ª e 2.ª Divisões do C. E. P. e que, tanto nma, como noutra, se notabilizou, de forma a merecer as mais elogiosas referências e a mais alta das recompensas. E, se foi assim, é porque, de facto, o batalhão do nosso 20, se notabilizou e se distinguiu ao lado dos seus irmãos do 3, 8 e 20, à sombra da mesma Bandeira, a reliquia preciosa da Bandeira da *Brigada do Minho*, símbolo-pátrio que saiu incólume da refega ingente e temerosa do dia 9 de Abril, devido à previsão, clara e nítida, do valeroso comandante interino da Brigada, Ex.º tenente coronel Mardel Ferreira. A *Brigada do Minho morreria no seu posto, segundo as ordens recebidas*, pensaria êle, mas a sua Bandeira, a Bandeira privativa da Brigada que fôra bordada pelas Senhoras de Viana, *Essa*, jámais cairia nas mãos do inimigo! *Essa* seria salva e voltaria para Portugal a relembrar, pela eternidade fora, o esfôço da Brigada Minhoeta em terras de França, em Abril de 1918! E, assim foi: a Brigada foi aniquilada; êle, próprio, caiu ferido e foi feito prisioneiro no seu posto de honra; a Bandeira, porém, salvou-se! Era o que importava àquela alma lusada.

Dezembro-1935.

combatentes da Grande Guerra. O capitão Montenegro Carneiro não pertencia ao 20 — já êle o disse — fôra escolhido, em ocasião crítica, para seu segundo comandante; o destino, porém, elevou-o à destacante situação de comandante do batalhão que pertencia à terra que lhe dera as primeiras fatias de pão do espirito e essa grata circunstância irmanou-o com os oficiais e soldados que mal conhecia. Deixara a alma no seu antigo batalhão — infantaria n.º 3 — e entregava o seu coração ao 20. A raça era a mesma: estruturalmente minhota; a Bandeira, a mesma era também. E êle, com o comandante de batalhão, autêntica que os fados haviam de cumprir-se, isto é: «A Divisão tem de morrer na B. Line», segundo a frase do general inglês Haking, quando se avistou com os comandantes de Brigada, no dia 7, no Quartel General da 2.ª Divisão (Mardel Ferreira, pag. 144-145).

E os fados cumpriram-se: os que não morreram ficaram feridos ou fôram feitos prisioneiros do seu posto, isto é, no posto de honra que lhes fôra confiado; não se podia exigir mais; seria absurdo palmar. Uma consolação, uma gran le consolação, tenho eu, já no meu activo, nos trabalhos em prol do Monumento aos mortos da Grande Guerra: é de ter arrancado do silêncio a que, justificado, se votara por temperamento e por excessiva modestia, essa alma de asceta e esse coração de ouro, do bravo comandante dos soldados da minha terra, trazendo-o para a liça, afim de dar alento aos vivos que se interessavam pela glorificação dos mortos e foram nossos companheiros em campanha. Não chames, nunca mais, bêra à pedra que me deste para o monumento moral que o «Notícias», anda a levantar; poderá ela não ter o alvor que tu lhe negas ou o filigranado das da Batalha, nem o rendilhado das dos Jerónimos, como os labores arrendados dessa jóia Manuelina — a Torre de Belem — beijada incessantemente pelas ondas do Tejo; asseguro-te, porém, que, a pesar-de todas as tuas negativas, ela será a cúpula do monumento e a que ficará mais perto das almas dos nossos camaradas que, nimbadas pelo éter dos céus, agardam, na mansão dos justos, que a Guimarães que nos alimentou — a ambos — o espirito, na infância, lhes levante o Monumento que perpetuará, pela eternidade fora, a memória dos mortos queridos — seus filhos — que comandastes na Grande Guerra.

Dezembro-1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

De tudo... um pouco

Já assim era há um ano, há cem anos, há milhentos anos. O tempo é sempre o mesmo casmurro, com a mesma estupidez, os mesmos homens com os mesmíssimos e eternos costumes. E para ser mais completo ainda, na sua maldade estapafúrdica — a mais correcta e mais aumentada — leva a sua ousadia a perguntar em linguagem chalacadora de sacristia ou de botica: — «ó tu que passas, qual a doutrina que professa e a política que perfilhas?!»

É claro que o tempo responde na voz presente: *eu sou* mussoliniescamente Gil Robles... Maurrás... Rivera...

É — mais claro ainda — é que nem para outra coisa êle foi inventado... Para que diabo havia de servir o relógio... estômago?!

E ainda há gente boa neste mundo a dizer que os tempos... são de perdição e de pecado! Santo Amaro os ampare na sua queda...

Sômos dos poucos que pouco tem falado do «está para breve a inauguração do Bairro Operário» em Guimarães, com música, foguetes, representação oficial, etc., etc.

Como o tempo não pára, e para que nos não acusem de sermos os últimos a falar de tão importante problema, perguntamos daqui, muito ingenuamente, simplesmente, como e quando é inaugurado este Bairro — uma vez que anda anunciado há tantos meses, nos jornais, a sua construção, lá em cima, a *poente* de Urgêzes... Pelo menos, senhores, dêem acôrdo de si, pois a cidade inteira vai extranhando tão grande demora...

Braga — honra lhe seja! — tem quasi concluido o seu Bairro, e Guimarães espera ainda — a pesar-de o seu Município estar autorizado a fazer o empréstimo de 500 contos para tal fim. Vamos a apostar até que S. Ex.º o Sr. Governador Civil deve de estar admiradíssimo de tanta *canseira* posta em benefício do Bairro Económico em Guimarães!

Os senhores contribuintes tem, neste mês, umas *contas* a pagar na Fazenda Nacional! Como toda a cautela é pouca, e como o outro que diz «quem me avisa, meu amigo é», informamos que durante o mês de Janeiro encontra-se aberto o cofre das Tesourarias da Fazenda Pública para o pagamento voluntário da contribuição predial de 1936, imposto sobre applicações de capitais (secção A) do mesmo ano, contribuintes industriais (dos grupos A B e C) e imposto profissional.

O imposto de capitais será pago por uma só vez no mês corrente. A contribuição predial inferior a 100\$00, e a contribuição industrial e

Sinfonia dantesca

*Quais feras cavalgadas galopando
O monstro corre, tudo derrubando!...
Ninguém o vê mas todo o mundo o sente,
De asas negras o abute ameaçador
Causa a desolação, semeando a dor,
Já desfolhando as flor's tristemente!...*

*O vagabundo passa errantemente
E largando risadas, estridente,
Em seu dantesco e brutal prazer
De tudo derrubar por onde passa;
Nero implacável da divina graça
Que já pelos jardins fica a gerar!...*

*Furibundo, parece enlouquecer,
Crava os dentes caninos a ranger
E unhas aduncas revolventa a terra!...
Bradam os pinheirais, desesperados,
Rouqueijam os choupsais já desfolhados;
Parece que desaba a abrupta serra!...*

*Quanta brutalidade o bruto encerra,
Parece vociferar gritos de guerra!...
Passa, ora rastejando, ora altaneiro,
Baixa, arrastando as asas de rapina,
Revolve e tolda a água cristalina
Provocando terrível aguaceiro!...*

*Facelam-se os moinhos do moleiro,
Alagando-se em lágrimas o outeiro;
Despenham-se belezas entre miasmas,
O monstro crava as suas mãos geladas
E as verdes esperanças magoadas
Morrem em frias e lodosas camas!...*

*Quem és tu? donde vens? como te chamas?!...
Que tanta malvadez hoje derramas!...
— Preguntam corações em desalento —
Rouquejando uma voz como um trovão:
Sou o aguerrido génio da ambição!!...
— E quantas ambições são como o vento?!...*

*Rasga-se o véu espesso e pardacento,
Já se vislumbra o aquil do firmamento
Que entorna a cornucópia bonançosa!...
Passa a brisa a cantar hinos de amor,
Pondo um sorriso em cada triste flor
Que se abre para a vida harmoniosa!...*

*Corre, gemente, triste, angustiada,
Beijando docemente cada rosa,
A brisa murmurante, em oração,
Transportando nas asas carinhosas
Doce perfume das divinas rosas
Que nos vem perfumar o coração!...*

Pôrto, 1935.

FREITAS SOARES.

imposto profissional inferior a 200\$00, são pagas por uma só vez no corrente mês.

A contribuição predial de importância de 100\$00 ou mais, a industrial e o imposto profissional de 200\$00 ou mais, podem ser pagas em 2 prestações semestrais, sendo a primeira em Janeiro e a segunda em Julho, e em 4 prestações trimestrais, todos os contribuintes que o tenham requerido no prazo legal.

Terminado o prazo da cobrança à boca do cofre, todas as contribuições, que não forem pagas, ficarão sujeitas ao respectivo juro de mora, e serão relaxadas dentro do prazo marcado na lei.

Mais informamos que os contribuintes sujeitos ao pagamento da taxa militar são obrigados a satisfazer o seu pagamento durante os meses de Janeiro ou Fevereiro.

Os contribuintes que não pagarem a sua taxa militar em Janeiro ou Fevereiro, podem ainda fazê-lo em Março ou Abril, mas neste caso já a taxa militar é paga em dôbro. De 1 a 10 de Maio são enviados a relaxe todos os contribuintes que, nos prazos indicados, faltarem ao pagamento da sua taxa militar, sendo neste caso a liquidação destes relaxes, feita nos Juizes das Execuções Fiscaes dos respectivos concelhos, depois da mesma taxa ser elevada ao dôbro e agravada com as custas e sêlos respectivos.

JOSÉ D'OLIVEIRA RASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS

Escrifório — R. Gravador Molarinho, 32 (Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

Outra vez?

Não há muitos dias que passando pelo Ourado, assistimos à repetição daquela mesma cena que há meses presenciámos em frente das Escolas de S. Francisco — a matança de porcos feita em plena via pública, com enorme gáudio do rapazio, que não perde ensejo de prestar serviços a quem os saiba aproveitar.

Quando serão tomadas as providências necessárias para acabar, de uma vez para sem-

Máximas Populares

XXII

Do teu próprio olhar descreê
Ou da miragem traçoira;
Bem cego é quem muito vê
Por um aro de peneira.

XXIII

O que de amor se derreta
Será vil até mais não;
E de lei: ninguém prometa
Mais manteiga do que pão.

XXIV

Quando haja perigo alheio
Mais produz culpa tapada,
— E o mentir é sempre feio! —
Que herdade mal amanhada.

XXV

Vives com outra mulher!
Quem troca ôbre por ôbre,
(Carne gôrda sé prefere)
Algun ôcles será pôdre.

XXVI

Quem a negócios se abraça;
Suspeite de quem o abraça;
Mais vale penhor na arca
Do que fiador na praça.

XXVII

— Que não deves casar já!...
Temporã é a castanha
(E nutriente não há)
Que por Março arreganha.

XXVIII

Nem toda a lama de um charco
Suja ou apaga um acto máu;
Por velho que seja o barco
Sempre há de passar o eâu.

L. COELHO.

Arrendamento

Arrenda-se uma quinta e um engenho de linho, sitos na freguesia de Oleiros, dêste concelho. Falar nesta redacção. (22)

pre, com espectáculos que nos relegam à condição de rudes aldeões?

As vias públicas não podem estar à mercê de qualquer morador que a tome por conta e risco.

V. EX.^A JÁ PROVOU

BOLO - REI DA

PASTELARIA VITÓRIA?

RUA DA REPÚBLICA, 56.

DESPORTO

FALECIMENTOS

Carreira de Caminheta entre Gonça-

Curiosidades Mundanas

DA CIDADE

Em OVAR

O Ovarense triunfa do Vitória por 4 a 1.

O resultado obtido pelo grupo local em Ovar não traduz, de modo algum, um índice seguro no que respeita à exibição do Vitória. Os 4-1, conseguidos, aliás, com certo mérito pelos Ovarenses, não representam, em verdade, o resultado técnico do encontro, pois não houve, por parte do adversário dos vimaranenses, a superioridade que os números aparentemente significam. Pelo contrário, a exibição do Vitória teve, pelo menos em parte do desafio, grande realce, podendo afirmar-se, sem exagero, que foi ele o grupo que praticou melhor foot ball. Não devem, pois, os desportistas vimaranenses supor que o seu representante se houvesse conduzido menos dignamente.

De uma maneira geral, o encontro pode focar-se do seguinte modo: — primeira parte agradável, com os dois grupos em relativo equilíbrio e superioridade técnica dos vitorianos; até aos vinte e cinco minutos da segunda parte, domínio acentuado dos nossos representantes na 2.ª Liga; nos últimos vinte minutos da partida, superioridade dos ovarenses, motivada pelo facto do onze vimaranense se afundar um pouco ante um resultado que lhe estava sendo injustamente desfavorável. Com efeito, a mais do meio da segunda parte, quando o Vitória, com o resultado de 2-1, fazia uma primorosa exibição, quiz a infelicidade que a energia e vontade dos ovarenses, contra a corrente do jogo, puzessem o marcador em 4-1, a favor destes. Os rapazes de Guimarães sentiram demasiado a adversidade e, daí em diante, até final do encontro, não encontraram maneira de carrilar.

Não significa o que acaba de escrever-se que os de Ovar obtiveram um triunfo que não houvessem inteiramente merecido, pois, ha que afirmar-se, para se ser imparcial, que eles foram energicos, voluntariosos, praticaram um foot ball agradável e procuraram sempre, com afinco, uma vitória que os impuzesse como campeões do seu Distrito. Contudo, não devem poder repetir a façanha, pois são menos Grupo que o Vitória, embora a sua linha possua elementos de apreciar, especialmente o avançado centro, de nome Zeferino, já conhecido dos vimaranenses, desde o Braga-Aveiro, efectuado no campo de Benlhevaj, em que aquêle jogador, marcando 5 goals à sua parte, conseguiu transformar, para o grupo do seu Distrito, em 6-3 um resultado que estava, para os de Braga, em 3-0.

A apreciação ligeira do trabalho dos vimaranenses pode, sem grandes deslizes, fazer-se assim:

— A linha avançada, melhor do que no último encontro com o Salgueiros, delinheu jogadas perfeitas, principalmente no período do tempo atrás referido, destacando-se, o avançado-centro e a aza esquerda. Os médios cumpriram, tendo sido mais regular Laureta, seguido de Zeferino; Lima, que na 1.ª parte se comportara fora do habitual,

pareceu ao sínodo que reunu em Braga, este não foi por *he constar que ambas as alas da procissão se faziam com o Cabido da Sé de Braga*, narrando ao arcebispo a *decência de tão honroso Cabido ir na procissão entre a chusma da clerezia, privado do seu antigo lugar*. Segundo diz o documento 655 da Biblioteca Nacional (secção Reservados) uma das consequências da visita feita à colegiada pelo infante D. Henrique, arcebispo de Braga, foi pôr cõbro ao grande número de raqueiros, clérigos de várias partes, que entravam para a dita colegiada a fim de se isentarem da jurisdição dos seus Ordinários, sendo por este prelado determinado que se *reduzisse esse número a 12 que não tivessem mais rendas que os super numerários, por todos terem uma irmandade com o seu Prior e rendas que os fêis cristãos lhes deram, reparando-as entre si e cumprindo as missas e officios, servindo a igreja com capas e cetros nas procissões de que dantes se serviam os cônegos inteiros e meio prebendados; e eles se ordenaram alguns beneficcios, applicando as rendas na sua sustentação, sendo a igreja melhor servida*.

Estas lutas com D. Estevão Soares da Silva, decorridos 125 annos continuaram com D. Gonçalo Pereira, D. Lourenço Vicente (que entrou com D. João I na batalha de Alju-

barrota, onde foi ferido), D. Martinho Afonso Pires da Charneca, D. Fernando Guerra, sobrinho do Conde de Andeiro, D. Diogo de Sousa, o Infante D. Henrique, D. Frei Baltazar Limpo, D. Frei Bartolomeu dos Mártires com quem se deu o *Auto da Matraça*, D. Frei Agostinho, D. Afonso Furtado Mendonça, D. Verissimo de Lencastre, D. Luis de Sousa e D. Frei Caetano Brandão. Ao mesmo tempo que se davam estas desavenças estabeleciam-se concórdias que pouco resultado produziram porque cada uma das partes litigantes se esmerava em transgredir-las, não as respeitando. Os Papas expediram bulas e contra bulas, *revogatórias e inibitórias*, mas os D. Priores e o Cabido vimaranense persistiam na manutenção das suas antigas prerrogativas acerca da jurisdição dos arcebispos sobre a colegiada. Deram-se cenas verdadeiramente vergonhosas e deprimentes de parte a parte, nalgumas das quais o povo também entrou, insultos e desmandos de linguagem, algo semelhantes às das colarejas, aggressões à mistura com o aspecto bélico originado pelas tropas de que alguns prelados se fizeram acompanhar e muitas outras peripécias, como as portas da colegiada arrombadas bem como do sacrário, arbitrariedades cometidas pelos prelados na exigência de multas e paga-

mento das importâncias que recebiam pelas visitas feitas à colegiada e a invasão da igreja de Santa Clara pelo povo, quando os visitados eclesiásticos, representantes do prelado ali tratavam dos sumários da visita, sendo, no meio de uma grande vozeria, as mesas quebradas, os tinteiros entornados, a papelada espalhada pelo chão e os visitados fugindo, transidos de medo e pavor. Tudo isto e muito mais se deu, o que levaria, para ser contado, pormenorizadamente, muito tempo. Um dia será.

Algunas câmaras dêsses tempos ofereceram relutância em tomar parte na entrada dos prelados bracarense na colegiada por se melindrarem por causa do lugar que lhes era destinado nesses actos.

Os arcebispos por isso entraram todos ou quasi todos na vila de madrugada, a cavallo. Em geral o D. Prior estava ausente nessa ocasião, não assistindo na vila.

Os prelados para fazerem esta visita dirigiam-se pelo seu cerimonial que dispunha que os prelados quando fôsse visitar uma cidade entrassem a cavallo até à porta da localidade e que, apeando-se, beijassem a Cruz que lhes seria apresentada pela dignidade eclesiástica prin-

cipal da terra e que, vestindo-se depois, de Pontifical, se dirigissem em procissão à igreja acompanhados dos cônegos e clero local e nela entrassem sob o pãllo a cujas varas pegavam os nobres, seguindo atrás os vereadores, em *corpo de camara*. Diz um documento que o arcebispo de Braga, infante D. Henrique, depois cardinal-rei, chegando junto da igreja-colegiada, deu de beber ao cavallo no chafariz de N. Senhora da Oliveira, apeou-se e entrou violentamente na igreja sob o pãllo, depois de paramentado de Pontifical, não tendo o D. Prior nem Cabido, nem cônegos assistido ao sinal de protesto. Viera acompanhado de tropas e alguns nobres de Braga. A visita dos arcebispos à igreja-colegiada constituia para eles um dos primeiros actos do governo espiritual da vasta arquidiocese, visto a colegiada ser incontestavelmente a mais antiga e talvez a primeira da Península em honras e privilégios, nos quais os D. Priores e por sua vez o Cabido se baseavam para se isentarem da jurisdição do Ordinário bracarense, admitindo-lhe somente a autoridade de Metropolitana, enquanto aquelles prelados não admitiam tal doutrina, desejando e determinando fazer a visita como entendiam, a seu belotálente, ou pessoalmente ou por intermediários chamados visitantes.

Por isso alguns arcebispos, embora entrassem em Guimarães, aposentavam-se em casas religiosas, como *D. Fernando Guerra*, no convento da Costa, onde escreveu uma *Provisão*, nomeando três representantes seus para aquêle fim, os quais não foram acatados pelo D. Prior, D. Rui da Cunha; *D. Martinho Afonso Pires Charneca*, no convento de S. Domingos, donde se dirigiu para a colegiada, onde entrou violentamente, praticando várias arbitrariedades tais como distribuição de paramentos e alfaias da colegiada por outras igrejas do arcebispado etc.

E' verdade que se estabeleceram as referidas concordatas, pelo menos duas, a *antiga* e a *moderna*, confirmadas e aprovadas por autoridade apostólica, das quais por não serem mutuamente respeitadas, advieram novas e mais acêssas irredutibilidades nas quais se envolveram os reis, os Papas, os duques de Guimarães, a câmara, as justiças locais, a nobreza e em algumas até o povo, em certas occasiões, tomou parte saliente.

Apesar de muito mais podermos contar sobre este assunto, não o prolongamos mais para não nos tornarmos por ventura enfadonhos a quem se dignar lêr estes nossos passatempos.

P. F. ALBERTO CONÇALVES.

João de Faria e Sousa Abreu

No templo da V. O. T. de S. Francisco realizou-se na quarta-feira, de manhã, o funeral do nosso amigo e estimado vimaranense sr. João de Faria e Sousa Abreu, tesoureiro aposentado da Câmara Municipal.

Aos actos fúnebres assistiram, além dos sobrinhos do saudoso extinto, muitas pessoas das suas relações e das da família, Câmara Municipal, Administrador do Concelho, Comandantes dos B. V. de Guimarães e um piquete daquela humanitária Corporação de que o finado foi comandante, mesas administrativas da V. O. T. de S. Francisco e das Irmandades dos Santos Passos e Misericórdia, instituições de beneficência, etc., etc.

Seguidamente aos officios do corpo presente foi o cadáver trasladado em auto-funeral, seguido de uma extensa fila de automóveis que conduziam pessoas de família e amigos do extinto, ao Cemitério Municipal, onde ficou inhumado em jazigo de família.

PROPRIEDADES

Vendem-se nas freguesias de Donim — Guimarães e Santo Emilião — Póvoa de Lanhoso, quatro propriedades, bem situadas, com casas, árvores da fruta e vinho. Vendem-se também alguns campos à margem da estrada.

Trata Manuel Ribeiro — Santa Leocádia de Briteiros — Taipas.

Campeonato das Ligas

No próximo dia 12 inicia-se o Campeonato da Ligas, em Foot-ball, cabendo ao *Vitória*, desta cidade, os seguintes jogos para a zona B:

1.ª jornada — Atlético de Coimbra-Vitória, de Guimarães.

2.ª jornada — Vitória, de Guimarães-Lexões.

3.ª jornada — Representante de Aveiro (C)-Vitória, de Guimarães.

Os jogos realizam-se nos campos dos grupos indicados em 1.º lugar.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Dissídios e pleitos eclesiásticos

XIV

Só a autoridade suprema da Igreja é que podia remediar este estado grave em assuntos eclesiásticos. Mas infelizmente não aconteceu assim e essas lutas tenazes e violentas protelaram-se por muito tempo, duraram séculos.

Iniciadas por D. Estevão Soares da Silva, arcebispo de Braga, estas contendas duraram, com algumas intermissões, até ao fim do governo do arcebispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura, pois no ano de 1866, tendo este prelado mandado o seu arcepreste presidir ás sessões do Cabido vimaranense para organização de um inventário dos bens da colegiada, requisitado pelo Governo, o Cabido bem como o D. Prior reagiram e não quiseram aceitar a sua presidência. Os D. Priores e Cabido foram sempre muito ciosos em manter os seus privilégios, primando em fazê-los respeitar e tanto assim, que, tendo o arcebispo de Braga, D. Frei Agostinho de Jesus, notificado ao Cabido desta colegiada que com-

S. Torcato—Guimarães e Estação do Caminho de Ferro

Teve começo no dia 21 de Dezembro e realizar-se á todos os dias com excepção dos domingos, esta carreira de caminheta que serve várias e populosas freguesias do Concelho de Guimarães.

HORÁRIO

- Partida de Gonça às 6,50 horas — Chegada a Guimarães, às 7,20 horas.
- Partida de Guimarães, às 12 horas — Chegada a Gonça, às 12,30 horas.
- Partida de Gonça, às 13,20 horas — Chegada a Guimarães, às 14 horas.
- Partida de Guimarães, às 19,30 horas — Chegada a Gonça, às 20 horas.

TABELA DE PREÇOS

Gonça a Guimarães	3\$00
S. Torcato a Guimarães	2\$00
Estrada da Corredoura a Guimarães	1\$50
S. Lourenço de Selho a Guimarães	1\$00
Madre-de-Deus a Guimarães	1\$00
Cano a Cidade	50
Cidade à estação do Caminho de Ferro ou vice-versa	50

Os bilhetes de ida e volta têm o desconto de 20%.

DO CONCELHO

Caldas das Taipas, 3.

Continua invernosso o tempo, tendo a ventania desabrida causado bastantes prejuizos materiaes, derrubando árvores sem conta e danificando os telhados, além de não deixar os pobres operários ganhar o tão necessário pão para si e para os seus.

— A pesar do mau tempo, a recita "O presépio", que tem sido levada á cena no Cine Salão em beneficio da Banda das Taipas, tem decorrido bastante animada. Há dias, o nosso prezado amigo Ex.º Sr. João Antunes Guimarães, Filho, teve a gentileza de oferecer três prémios que foram distribuidos pelo grupo das pastoras, em nome das quais agradecemos a oferta.

— Grassa, em grande intensidade, nesta povoação e freguesia limitrofes, a epidemia do sarampo, que vem dizimando muitas criancinhas.

— De visita a sua família, esteve entre nós com sua ex.ª esposa, retirando-se para o Porto, o nosso bom amigo sr. Roberto Pereira Mendes Martins.

— A passar as férias do Natal, en-

contra-se na sua residência de V. Nova de Saude, o nosso prezado amigo, Ex.º Sr. Joaquim Teixeira de Araújo, distinto médico do Liceu de Faro.

— A Vieira, sua terra natal, foi passar com sua Ex.ª família, as festas do Natal, o nosso dedicado amigo, Ex.º Sr. Dr. Alfredo Fernandes, distinto cirurgião-director da Empresa Termal das Taipas.

— Continua bastante doente a Ex.ª Sr.ª D. Maria da Conceição Barbosa Sampaio, da importante Casa da Bouça, de S. Martinho de Saude, a quem desejamos rápidas melhoras.

— Ao amigo A. tonino e a quantos trabalham e se interessam pelo "Noticias de Guimarães", enviamos os nossos cumprimentos com o desejo ardente de que o novo anno lhes seja muito próspero e feliz.

C. C.

FERNANDO AIRES
ADVOCADO
R. República-GUIMARÃES

Anunciar no NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

A Televisão em França

Realizou se, em Paris, a quarta emissão pública de televisão, pelas emissoras do Estado, que alcançou grande êxito, tendo sido presenciada por numerosas pessoas que acorreram aos edificios públicos onde se encontravam montadas estações receptoras.

O Ministro das Comunicações, ante os resultados obtidos, vê a possibilidade de agora em diante se organizarem programas permanentes que serão transmitidos pelas estações do Estado.

Dote original

Os habitantes da Mandchúria, entre outras particularidades curiosas, dedicam-se á criação de cães.

Se que torna este governo de criação especialmente interessante é o us: que dela fazem, porque o cão que geralmente se chama entre nós o amigo do homem, é na Mandchúria o amigo da mulher; serve-lhe de dote, permitindo-lhe casar com um homem de posição mais ou menos elevada, segundo o número de cães que leva consigo. Com efeito, nesta região longínqua, o dote dum rapariga consiste num certo número de cães cuidadosamente engordados e de furto pelo sedoso: seis se ela é pobre; quatro vezes mais se é remediada; uma matilha se é rica.

Um desmaio à altura de 17.000 pés.

Um aviador militar, voando em Colbenza, Alemanha, a uma altitude de 17.000 pés, desmaiou por virtude da rarefaccão do ar, e o piloto afocinhou. Por um feliz acaso, o piloto recuperou os sentidos e, quando se encontrava a mil pés de altitude, salvou-se por meio de para-quadras.

Dois arranha-Céus.

Construíram-se, não há muito tempo, em Nova-York, dois arranha-céus que excedem de bastantes metros, em altura, a Torre Eiffel; um, é o Chrysler Building, que tem mais 19 metros do que ela. Mede, pois, 19 metros.

O outro, ainda mais formidável, o Empire State Building, ergueu-se a 380 metros acima do solo.

Mas a base deste edificio é enorme porque representa uma superficie de 200.478 metros quadrados.

RESINAGEM DE PINHEIROS

Aviso aos Srs. proprietários do Concelho de Guimarães

A Companhia Industrial Resineira, com sede no Porto, proprietária de importantes fábricas do Norte e Sul do País, pretende alugar, desde já, pinhais para a extracção de resina (gêma) pelo método francês, para o que dispõe de pessoal competente, nas freguesias do concelho de Guimarães. Aceita pessoas de probidade e activas para trabalhar á commissão nas respectivas áreas.

O Encarregado Regional — António Teixeira da Mota Júnior, Fafe.

O Lameiro de S. Francisco

Aquêle lameiro de S. Francisco continua a envergonhar a cidade. Nesta quadra de grandes chuvas torna-se perigoso passar para aquelas bandas, pois corre-se o risco de ficar estatelado sobre aquelas ervas rijoças ou apañhar um resfriado nos pés, tal a quantidade de poeiras e reguinhos que ali existem.

Em frente dum templo majestoso como o de S. Francisco, onde a affluência de fêis é grande, um piso de tal ordem é intolerável e revela desmazelo da parte de quem superintende e tem superintendido nas coisas do mando da nossa terra.

Urge que, quem o pode fazer, tome na devida conta este reparo, que aliás já vem de longe, e logo que as circunstancias o permitam mande proceder ao arranjo daquelle largo tão freyüentado e tão no coração da cidade, pondo assim termo a essa vergonha cittadina e livrando o transeunte de alguma amolgação de costelas.

Com boa-vontade tudo se consegue.

Vida Mutualista — Tiveram lugar, no passado dia 1 do corrente, os actos de posse dos novos corpos gerentes das nossas duas corporações mutualistas, respectivamente, Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesa e Associação Artística Vimaranesa. Em ambas estas casas a cerimonia foi muito concorrida, tendo comparecido na generalidade os novos eleitos.

Que todos se compenentrem dos seus deveres fazendo progredir mais ainda o mutualismo na nossa terra, são os votos que formulamos, ao mesmo tempo que lhes desejamos felicidades no desempenho dos seus cargos.

Pedido de casamento

Pelo Sr. Fernando António de Almeida, importante industrial e capitalista, foi pedida em casamento, para o nosso prezado amigo sr. José Pinto d'Almeida, a sr.ª D. Neide Alves Dias Pacheco, gentil Dama bracarense, filha do sr. José Rodrigues Pacheco, importante industrial daquela cidade e de sua esposa a sr.ª D. Maria Alves Dias Pacheco.

O enlace matrimonial realiza-se brevemente.

Aos noivos desejamos, desde já, as maiores prosperidades.

Cumprimentos

— O nosso querido conterrâneo e amigo sr. João Teixeira de Aguiar veio apresentar-nos, pessoalmente, os seus cumprimentos, no último dia do ano e desejar-nos felicidades no novo anno.

Também, além de outras pessoas que pessoalmente nos cumprimentaram, recebemos cartões do Centro Literário Excelsior, de S. Paulo (Brazil), do Tenente-Coronel do Estado-Maior, Sr. José Filipe de Barros Rodrigues, do Seminário Apostólico de Macieira de Cambra, do actor sr. Carlos Frias, etc.

A todos, os nossos agradecimen-

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

tudos feitos, desde 60\$00. Não façam as suas compras sem primeiro visitarem esta casa.

Acabam de chegar as maiores variedades em sobretudos e casimiras para a época de inverno. E' esta a casa que maior sortido tem.

Grandes saldos em casimiras. Sobre-

tos e o desejo de um ano muito venturoso.

"O Comércio de Guimarães" — O nosso prezado colega local «O Comércio de Guimarães», que se vinha publicando às terças e sextas-feiras, passou a publicar-se uma só vez, por semana—às sextas-feiras—com quatro páginas.

"O Primeiro de Janeiro" — Passou em 1 do corrente o aniversário do importante diário português «O Primeiro de Janeiro», sem dúvida alguma um dos melhores jornais portugueses. Na pessoa do seu digno correspondente em Guimarães, sr. João de Deus Pereira, nosso querido camarada, felicitamos todos quantos trabalham naquele grande órgão da imprensa.

Dr. Alfredo Pinto — Este nosso querido amigo e ilustre clínico vizelense, foi há dias vítima de um grave desastre de automóvel, perto de Santo Tirso, que lhe podia ter causado a morte.

Os jornais relatam o desastre da seguinte forma:

O dr. Alfredo Pinto dirigia-se, no sábado findo, ao Porto, no automóvel «Austin» 9791-N, guiado pelo seu proprietário, sr. José Joaquim da Silva, e ao passar muito próximo a Santo-Tirso, no Lugar de Santa Cristina, onde existe um cruzamento de estradas, surgiu a camionete de passageiros, pertencente ao sr. António Penha Ferreira, e que era conduzida pelo seu «chauffeur», Euclídio de Oliveira Cavadas, que vinha numa correria vertiginosa, em consequência de querer chegar ao seu destino na hora marcada, quando o seu atraso era já aproximadamente de 20 minutos. Isso deu motivo a ir contra o automóvel em que viajava o dr. Alfredo Pinto, pondo-o num mísero estado.

Logo que foi conhecida a triste notícia, para o local do desastre dirigiu-se muita gente, e toda ela diz que só por um milagre, é que tanto o dr. Alfredo Pinto como o «chauffeur», não ficaram mortos.

O automóvel, com o choque, foi arremessado à valeta, e ficou entalado contra o muro, ficando muito danificado, sem se poder aproveitar nada.

Após o desastre, foi comunicado o caso às autoridades de Santo Tirso, e no local compareceu logo o sr. dr. Adriano Fernandes de Azevedo, Administrador do Concelho, que tomou conta do sucedido, e lamentou tão grave desastre, chegando a dizer que o culpado de tudo isto foi só o «chauffeur» da camionete, Euclídio de Oliveira Cavadas.

Lamentamos o sucedido e apresentamos ao sr. dr. Alfredo Pinto os nossos cumprimentos por ter saído ileso do desastre.

Posto de Socorros — No posto de socorros de «A Social», fizeram-se, durante o mês de Dezembro, 763 curativos.

Pagamento de vencimentos — Para conhecimento dos interessados torna-se público que, todos os reformados do exército residentes na área deste concelho, devem receber os seus vencimentos no Posto da G. N. R. desta cidade, nos dias 2 de cada mês.

Da Administração do Concelho — E' avisado o soldado reformado José de Castro, a apresentar-se na administração do concelho o mais breve possível, a fim de receber o seu vencimento.

Cemitério Municipal — O movimento no cemitério municipal durante o mês findo foi: adultos do sexo masculino, 7; sexo feminino, 8; adolescentes do sexo masculino, 13; idem do sexo feminino, 20. Total, 48.

Número do Natal — Continuam vários colegas a referir-se ao nosso número do Natal em termos cativantes que muito nos penhoram.

Nos seus últimos números os prezados colegas «Povo de Penafiel» e «O Desfôrço» noticiaram a publicação do aludido número e felicitaram-nos. Os nossos agradecimentos.

Brindes — Dos nossos prezados amigos srs. Madureira & Oliveira recebemos um lindo calendário para o corrente ano, da acreditada casa Eduardo Pereira Pinto & Filhos, do Porto, de que são representantes.

Irmão nos ofereceram um interessante calendário de bôlso da importante Companhia de Seguros «Portugal Previdente», de que são representantes.

Agradecemos.

Arrombamento e roubo — Audaciosos gatunos entraram, por arrombamento, na casa do sr. António José Gonçalves, no prolongamento da Rua de Paio Galvão, penetraram no estabelecimento daquele sr., comendo e bebendo quanto lhes apeteceu e furtaram muitos géneros, levando também a chave do prédio. A polícia procede a averiguações.

Aniversário — Passou ontem o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. Avelino da Silva Guimarães, importante capitalista e Patrão Honorário dos B. V. de Guimarães, a quem felicitamos.

Festa de Caridade — Num dos salões do Asilo de Santa Estefânia, desta cidade, realiza-se hoje um sarau de Caridade, levado a efeito pelas educandas daquele estabelecimento de caridade.

Licenças de porta aberta — Terminou em 31 de Dezembro o prazo para serem requeridas as licenças de porta aberta.

Associação Comercial e Industrial — A direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães reuniu ultimamente para tratar de importantes assuntos que se prendem com o progresso de Guimarães. A mesma direcção pediu á Companhia dos C. de Ferro do Norte, para serem feitas algumas obras de que carece a estação desta cidade.

O problema das águas — Esteve em Guimarães o sr. Major Caravana, a tratar do importante problema do abastecimento de águas

Protecção aos pobres — Tendo sido creada, por Lei, a assistência aos necessitados durante a quadra invernal, foi recebida a comunicação de que no Concelho de Guimarães cabia a importância de 100\$00 diários, ficando a assistência a cargo da Casa dos Pobres.

Registo Civil — O movimento nesta repartição, durante o mês findo, foi o seguinte: Casamentos, 23; nascimentos, 244; óbitos, 163.

Pão dos Pobres — A Mesa da Irmandade de Santo António, erecta na Igreja de S. Domingos, distribuiu ultimamente 210 boroas de pão por igual número de pobres.

Afogado — No Rio Selho morreu afogado José de Oliveira, casado, sapateiro, de 56 anos de idade, natural da freguesia de S. Lourenço de Selho e residente no lugar da Bouça, da mesma freguesia.

Desastre — No lugar de Fermis, freguesia de Cónegos, António Lopes, casado, empregado fabril, da freguesia de Lordelo, seguia estrada fora montado numa bicicleta, fora da sua mão, e quando atravessava a estrada, para tomar o seu lugar, foi de encontro ao automóvel n.º 16.171 N, guiado pelo caixeiro-viajante João Pereira Malheiro, do Porto, resultando do embate a queda do ciclista, e que veio a falecer momentos depois no hospital da Misericórdia, desta cidade, onde dera entrada.

Cantando os «Reis» — Vários grupos populares andaram ontem a dar as boas festas, cantando os «Reis», em obediência á velha tradição.

Carreiras de caminhetas — O nosso prezado amigo sr. João Ferreira das Neves, proprietário das carreiras diárias de caminhetas entre Guimarães Porto-Póvoa de Varzim-Pevidem-Taipas, etc., mudou o seu escritório para a rua de Santo António, desta cidade, n.º 26-27-28.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Comandante António Garcia de Sousa Ventura

Retirou para Algés — Lisboa, onde vai fixar residência, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Comandante António Garcia de Sousa Ventura.

— Vimos nesta cidade, de visita a

O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUÉM

Inscrevendo-se sócio do Montepio «A REFORMA», com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450\$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150\$00, mensais — Pensão de inabilidade até 360\$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500\$00, e Subsídio para funeral de 1.000\$00 a 25 000\$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735\$96; Pensões de inabilidade, 42.668\$40; Pensões a herdeiros, 151.263\$80, e subsídios únicos, 38.960\$00

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19.281).

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos lódas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes.
Rua Dr. António da Mota Prego — GUIMARÃIS (3)

RIBEIRO, FILHO

(ALFAIATE)

Convida os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

suas famílias, os nossos amigos, srs.: Dr. José Maria de Moura Machado, Custódio Vila-Nova Guimarães, António André Guimarães e Alcindo Ferreira Martins.

— Encontra-se entre nós, com demora de algum tempo, o nosso amigo sr. José Maria de Almeida, de Amareis.

Pela Câmara

A C. A. em suas últimas sessões deliberou: Adquirir o material para o expediente da secretaria necessária aos serviços do município por concurso público, nas condições a estabelecer; que a repartição de obras passe a designar-se Repartição Técnica Municipal; realizar as suas sessões ordinárias nos mesmos dias e horas a que se vinha realizando. O sr. Presidente comunicou á Câmara que acabava de ter conhecimento da morte do eminente orador dr. Leonardo Coimbra, propondo que se lançasse na acta um voto de pesar pelo seu falecimento, o que foi aprovado por unanimidade. Procedeu á arrematação da ocupação das barracas da praça do mercado municipal, desta cidade, e da povoação das Taipas. Procedeu também á arrematação das varreduras da cidade.

Resolveu também: Aprovar a tarifa camarária de géneros durante o ano de 1936 para vigorar no corrente ano e a tarifa ao fiel, do preço de um dia de trabalho para efeito do imposto de trabalho.

Lêde e assina o «Notícias de Guimarães»

Foot-Ball

A Associação Desport. Ovarense em GUIMARÃIS

A «lenda». Vitória consegue um bom triunfo.

Teimosamente a «lenda» vai caminhando sem que, barreira se erga a vedar caminho, à andariha designação de «campeão de Benilhevai», com toda a entonação deprimente que a voz do povo vai classificando os negativos resultados conseguidos pelo grupo da cidade, fora do seu terreno habitual. Um caso esporádico não é base para tal, mas, a continuação de vai fazendo descer das virtudes e valor de antemão atribuído.

Sem falarmos da parte falheira do «team» — porque não assistimos ao jogo em Ovar —, atendemos antes à falta da moral forte que sempre teve, em desafios noutros meios. Enquanto os componentes do grupo não julgarem por uma só mente, de que, vale mais um triunfo alcançado num campo estranho, do que duas vitórias em Benilhevai; o Vitória, estará sempre à mercê das derrotas de qualquer; a acção dos jogadores desmerecida, o seu quilate de infimo apreço e a classe da equipe de pouca monta.

E' conhecida a «alma» à Benfica!... é admirada a alma à Belenenses!... porque não criamos também uma «alma» à Vitória!...

E' só ter vontade.

Vitória, 9. A. Desportiva Ovarense, 0

Os ovarenses vieram até cá, em paga da visita do Vitória no primeiro do ano, e o resultado do jogo não lhe foi favorável pela copiosidade de tentos conseguidos pelo grupo da casa, que assim soube apagar a lembrança pouco grata da derrota lá sofrida de 4 a 1. O jogo de principio a fim pertenceu ao Vitória que, sempre ao ataque, soube impôr-se ao adversário pela sua técnica, fazendo assim uma boa partida.

A primeira parte foi a melhor do encontro e Clemente bem coadjuvado pelos interiores, marcou quatro goals seguidos, tão iguais, tão idênticos, em característica e factura, como dois pares de gémeos que se não diferenciam.

Os visitantes responderam com um contra-ataque frouxo que a defesa alvi-negra facilmente desfazia.

A segunda parte foi mais fraca por os locais abrandarem um pouco, e os visitantes acercaram-se, por isso, mais das redes de Ricoca, sem conseguirem o ponto de honra, pelo menos em duas ocasiões propicias.

Para o final os visitantes imprimiram ao jogo uma toada violenta e alguns gestos, de lado a lado, pouco educados, aborreceram o desafio, principalmente a brutalidade dum trangular danças da defesa da Desportiva Ovarense, mais própria para guarda de porta em casal de aldeia, do que joga-

dor de futebol em grupo de merecimento.

A arbitragem de António Neves foi imparcial embora ouvisse por vezes reclamações de alguns assistentes, sem razão alguma.

Antes deste desafio jogaram as reservas do Vitória com a União Académica de Braga, ganhando as reservas por 3-1.

ALMEIDA FERREIRA.

Se pretende calçar o que é moda visite a

SAPATARIA LUSO

Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Novembro de 1935

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 556.
Receitas abonadas a doentes externos, 455.
Parturientes recolhidas, 11.
Crianças nascidas, 11, sendo 7 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 93.
Doentes entrados durante o mês, 109.

Doentes saídos:
Curados, 76.
Melhorados, 31.
No mesmo estado, 7.
Falecidos, 8.
Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 80.
Banhos dados no balneário, 198.
Operações de grande e pequena cirurgia, 31.
Curativos feitos no Banco, 1.990.
Injeções aplicadas, 882.
Aplicações eléctricas, 306.

Hospital António Francisco Guimarães-Vizela

Consultas no Banco, 15.
Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 17.
Doentes entrados durante o mês, 6.

Doentes saídos:
Curados, 1.
Melhorados, 2.
Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 20.
Operações de pequena cirurgia, 1.
Curativos feitos no Banco, 139.
Injeções aplicadas, 117.

Se deseja calçado, veja o que a

SAPATARIA LUSO

lhe indica como novidade

Garrafas Vasias

Compram-se

na PENSÃO COMERCIAL Toural — Guimarães

Tipografia Minerva Vimaranesense
Rua de Santo António
GUIMARÃIS
Impressões em todos os géneros